

Noosh in Dhaka

2 de Janeiro de 2008

Depois da chegada a Hong Kong a minha ansiedade começou a tomar conta de mim. O que devia esperar em Dhaka? Um amigo em Hong Kong deu-me uma ideia negativa sobre Dhaka, deixando-me muito ansiosa na hora do meu vôo.

A chegada a Dhaka deu-me uma impressão fabulosa. Um empregado das linhas aéreas, Bangladeshi, verdadeiramente simpático levou-me à alfândega ajudando-me a passar por ela, tomou conta da minha bagagem e entregou-me à calorosa e amorosa Maria em pessoa, que veio buscar-me ao aeroporto já muito depois da meia-noite.

Depois duma primeira noite no Hotel Skyline, eram horas de conhecer o **Dhaka Project**, finalmente. Um momento que tanto tinha desejado. O que eu esperava baseava-se na minha experiência como voluntária no Nepal. Lá os recursos eram mínimos e as crianças eram alojadas e educadas de acordo com um padrão mínimo. Assim, esperava encontrar algo similar em Dhaka.

Ao meio dia a Maria levou-me para o Projecto. Fomos a pé da casa de hóspedes por caminhos estreitos e muito bem cuidados com caixotes de lixo à sua beira. A Maria apontou para eles dizendo que o Projecto é que os tinha colocado e educado a comunidade. Grande tarefa penso eu, mas com grande resultado. A área tem um aspecto limpo e bonito.

Quando chegámos à escola, para meu grande espanto, apresentou-se-me um grupo de perto de 200 crianças, a cantar um **'Welcome Anoesjka'** com os maiores sorrisos nas suas caras. O meu coração derreteu-se instantaneamente!

Mal me dei conta os miúdo estava a abraçar-me, a dar-me a mão e os maiores sorrisos que vi em toda a minha vida.

Depois destas grandes boas-vindas, levaram-me pela escola e mais uma vez, fiquei espantada com o que vi. Uma escola muito bem cuidada com pequenas e lindas mesas/cadeiras em 6 salas no rés-do-chão, todas pintadas há pouco tempo. No andar de cima o meu espanto aumentou quando me mostraram o departamento de ensino para os pais das crianças, dirigido especialmente às mulheres, dando-lhes a qualificação necessária para gerar lucro na indústria de tecidos.

É tão bom ver que não é somente às crianças que é dada uma oportunidade sólida para o seu futuro, mas também às suas famílias. No outro lado do edifício apresentaram-me o centro de treino em tratamento de beleza.



As raparigas adquirem aptidões em manicure, pedicure e tratamento de beleza. Outro sector bom para gerar emprego local dando oportunidades para o futuro é o turismo.

O projecto não se limita a educar; a Maria também cuida da saúde das crianças com um médico no local, a trabalhar numa clínica bem equipada no edifício da escola/projecto. Uma pilha de de boletins de vacinação para todas as crianças mostram que o programa de vacinação a todas as crianças está em funcionamento, as fichas individuais de saúde contêm a monitorização da sua saúde. Ao lado existe a clínica dentária completamente equipada assegurando que os dentes das crianças se mantêm em boas condições.

Tendo visto o centro de educação primária do projecto, mostraram-me à equipa do projecto, que foi reforçada com um voluntário do Bangladesh altamente qualificado, que está agora encarregado de mudar o currículo escolar de Bangla para padrões Internacionais, permitindo às crianças envolvidas melhores perspectivas para o futuro.

Que primeira impressão fantástica! Como se não fosse suficiente, fui mais uma vez sobrecarregada com emoções depois de ver as crianças na pré-escola e os pequenitos da creche. Mais uma vez, uma tempestade de sorrisos, risadinhas nervosas, abraços e beijos me caiu em cima, deixando-me maravilhada com amor e respeito.

Olhando para estas crianças, o modo como são cuidadas, os brinquedos que as cercam, os olhos faiscantes e os corpos e caras lavadas, foi-me difícil imaginar que estava num dos países

mais pobres do mundo. As crianças com que trabalhei no Nepal estavam cobertas de infecções quando cheguei e apenas podiam tomar banho uma vez por semana, usando a mesma roupa durante uma semana. Aqui, as crianças têm uma aparência limpa e bonita, bem cuidadas e de boa saúde. Tudo isto teria sido impossível sem o trabalho do **Dhaka Project**.

Que sucesso! Estou emocionada, e muito mais ficarei quando souber o que custa a atingir isto...



Sexta-Feira 3 de Janeiro

Hoje é Feriado. Um dos elementos da equipa da Maria tem hoje a tarefa de me levar a ver a 'velha cidade' de Dhaka. Fomos para a doca de Sadargot, que é como uma estação de autocarros no rio. Centenas de pequenos e grandes barcos de passageiros movem-se de e para os locais das celebrações ou atacam e esperam que os seus passageiros cheguem.

É um lugar agitado, onde a pobreza do país é muito visível. Sujidade e lixo por todo o lado, pessoas envoltas em trapos sujos, a vida nas ruas que cercam a doca é a que se pode esperar num país tão pobre como o Bangladesh. Depois de um dia a ver e ficar com uma boa impressão da cidade e dos seus diferentes locais, que vão do mais baixo nível dos bairros de lata até à área da classe das

embaixadas no Gulshan, com estradas largas, lindos edifícios coloniais e muitas e lindas verdes árvores e jardins. Uma vez saídos desta pequena área dos ricos porém, voltamos à realidade de Dhaka, com o seu super agitado tráfego, com a sua inevitável e chocante poluição, cheíssima de rickshaws e tuk-tuks, mulheres em trajes coloridos com lindos sorrisos e homens vestidos com os seus longos e tradicionais trajes, a negociar e a produzir toda a espécie de coisas em pequenas lojas alinhadas nas ruas.

De novo na casa de hóspedes, estava cansada e pronta para uma soneca. Não havia ninguém em casa, pelo que me estendi, estudei e reflecti sobre os primeiros dois dias em Dhaka. Nada chocante até agora, impressionante sim, bonito também, pobres sim mas com aquela dignidade Asiática, um sofrimento massivo enfrentado com orgulho.

Durante o dia andei a questionar o Sufiyan para que me fale do seu país, o seu sistema de educação, os casamentos arranjados, os usos e costumes da família. Torna-se evidente que a educação é muito básica no sistema público de educação, com uma altíssima percentagem de desistências devido à pobreza. Cerca de 90% dos casamentos ainda são combinados pelos pais, certificando-se que os filhos permanecem na sua 'classe social', porém os miúdos podem escolher entre os pretendentes apresentados. A família é um componente chave da vida. Qualquer escolha que os pais decidam é para ser seguida pelas crianças, não importa a idade.

Até os adultos têm que respeitar os desejos dos pais no que respeita às suas actividades, envolvimentos e emprego. Assim se um pai diz não, o filho (adulto/criança) tem de cumprir. E pior ainda, especialmente se um adulto local desejar participar num projecto de caridade. Não é uma coisa dignificante para a alta classe local. Mas uma necessidade primária para uma organização caritativa foca-se na educação dos mais pobres. Imaginemo-nos a termo-nos escravizado durante uma vida para conseguir que os nossos filhos entrassem na escola e na universidade e eles escolhessem



gastar o seu tempo precioso em trabalho voluntário para ajudar os mais pobres da vossa cidade. Nobre, mas ao mesmo tempo não seguido por muitos desses pais que deram tanto das suas vidas para que os seus filhos conseguissem acesso a empregos bem remunerados, salvaguardando a velhice dos pais e uma melhor vida para as próximas gerações. Agora é na cultura que a Maria enfrenta um grande desafio em contratar elementos com bom nível de educação para a sua equipa!!!